

Por que investir em pesquisa qualitativa?

Ormezinda Maria
Ribeiro

Palavras-chave: pesquisa
qualitativa; universidade;
ensino.



Ilustração: Ricardo Martins

algumas reflexões que têm ocupado nosso espírito ultimamente: Por que investir em pesquisa qualitativa? Qual o papel da universidade nessa questão? O que de fato representa a pesquisa, no âmbito da universidade?

Dentre as mais diversas funções incorporadas pela universidade desde o seu advento, a mais difundida é, sem dúvida, a de responsável pela universalização do saber. Entretanto, à universidade contemporânea são atribuídas diversas funções, que se modificam conforme o contexto histórico, segundo suas exigências e necessidades imediatas.

A princípio, a universidade esteve ligada à conservação e transmissão do saber acumulado, a serviço da verdade constituída e isenta de incorporar novas descobertas. Hodiernamente, chama a si a obrigação de garantir a universalidade do saber, por meio de uma organização integrada, que deve se fundamentar em bases epistemológicas sólidas, com vistas à criação de centros de excelência ou de especialização, que não primem por limitar o conhecimento a uma especialidade, mas que agreguem também a articulação de outros saberes. Assim, sem deixar de lado o ensino, sua vocação original, a universidade incorporou nessa função as demais funções que lhe são atualmente inerentes, a extensão e a pesquisa. Além de guardar e repassar o saber produzido fora de seu âmbito, a universidade passou a produzir o conhecimento por meio de pesquisas, que são devolvidas à sociedade, quer em forma de formação de novos profissionais, quer em forma de extensão universitária, cuja interlocução com a sociedade deve ser o fator preponderante.

Conforme destaca Guimarães (2000, p. 81): "a extensão deixa de ser mera prestação de serviços à sociedade para ser um órgão vital do preenchimento dos interesses e das necessidades do grupo social, o que a torna uma ferramenta de mudança da sociedade".

Carlos Rodrigues Brandão,¹ com muita pertinência, destaca que o trabalho de criar pesquisas, a ação de motivar a pesquisa é que estabelecem o diferencial entre a verdadeira universidade e os colégios superiores.

Uma instituição que almeja o título de universidade, ou deseja assegurá-lo, deve atentar para esse aspecto. Paulo Freire (1989, p. 45) já dizia que "não há pesquisa sem ensino e nem ensino sem pesquisa".

¹ Em palestra proferida no encontro com professores de Metodologia Científica da Universidade de Uberaba, participantes do grupo Aprender a Aprender Pesquisando, no dia 19/6/2000.

... existem certas inovações fertilizantes que é muito útil conhecer porque podem facilitar o cumprimento das funções universitárias específicas e fazê-las desempenhar um papel de aceleradores intencionais da transformação social.
(Ribeiro, 1969, p. 36)

Apresenta uma reflexão sobre a importância da pesquisa na e para a universidade, dando ênfase à necessidade de se implementar, nos centros universitários, a pesquisa qualitativa. Atentando para o fato de que esse tipo de pesquisa nem sempre é reconhecido como legítimo, procura, numa rápida abordagem sobre as funções da universidade no decorrer de sua história, alertar para a premente necessidade de se adotar a pesquisa, sobretudo a qualitativa, como eixo norteador das demais atividades acadêmicas, colocando-a como diferenciador de universidade e colégios superiores.

Introdução

Iniciar um texto citando Darcy Ribeiro incita-nos a pensar a educação com um olhar de antropólogo...

Perfazendo os caminhos pelos quais passou a universidade ao longo de sua história, estabelecemos uma ponte para

Devemos seguir a trilha desses sábios educadores, se quisermos alcançar vôos maiores, no sentido de sairmos da condição de país subdesenvolvido e alcançar a plataforma de primeiro mundo. Sem pesquisa não há ação que se sustente. É na universidade que se desenvolvem pesquisas. E é a partir das descobertas, ou dos resultados dessas pesquisas que se eleva o padrão de vida da sociedade, quer no plano da educação, da saúde, da tecnologia ou do meio ambiente. Silva (2000, p. 62), ressalta que "a pesquisa é o esforço humano para descobrir os meandros da realidade como natureza e como organização histórica dos homens em sociedade".

Quando se fala em pesquisa, fala-se em sociedade e não há como pensar em sociedade sem considerar os seus aspectos, dinâmico e interacional. O homem, parte integrante dessa sociedade, encontra seu hábitat entre outros homens, seus semelhantes, que guardam em si a individualidade e a alteridade inerentes à condição humana. Portanto, cada um é um ser individual, dentro de um coletivo que se altera constantemente. Pesquisa-se para aplicar nessa sociedade e pesquisa-se dentro dessa sociedade.

A universidade, que se apresenta nessa sociedade, que não é mais tão-somente a guardiã do saber institucionalizado, que pretende se firmar, enquanto espaço de produção e difusão do conhecimento, deve adotar a pesquisa como atividade fundamental em seu seio, pois, como ressalta Demo (1997, p. 6), "o que melhor distingue a educação escolar de outros tipos e espaços educativos é o fazer-se e refazer-se na pesquisa".

Silva corrobora essa asserção, quando afirma que a pesquisa se situa no cerne definidor da educação escolar e que, ao sustentar e acompanhar o desenvolvimento do conhecimento, evita que este se esvazie na reprodução iterativa sem força transformadora. Esse educador observa que não há conhecimento que não envolva, de alguma forma, o ato da pesquisa, ponderando que:

Se historicamente o ato da pesquisa foi se recolhendo aos átrios de grupos seletos de pesquisadores, também historicamente hoje a pesquisa tem seu espaço ampliado pela presença, não apenas nos laboratórios ou no recôndito de alguns intelectuais, mas no cotidiano das salas de aula, na árdua tarefa docente do trato

do conhecimento entre os professores e alunos (Silva, 2000, p. 64).

Em face dos novos paradigmas emergentes numa sociedade em mudança contínua, há que se pensar também em novas abordagens de pesquisa. Há de fazer-se um exercício contínuo para uma concepção mais elástica das concepções cartesianas sobre "método", uma vez que a segurança das compreensões obtidas nas investigações qualitativas radica-se no pesquisador e no diálogo pesquisador/comunidade.

As ciências sociais chamam a si a necessidade de firmar um caráter científico, considerando o embate que travam com as ciências naturais, no sentido de merecerem o estatuto de ciência. Seu objeto, sendo histórico e determinado por um conjunto de fatores, que se confundem com a própria sociedade, têm, na provisoriidade e no dinamismo, características fundamentais.

Assim, se pensarmos consoante a própria natureza dessas ciências, não poderemos conceber uma definição de cientificidade tal qual se pensa para as ciências da natureza; contudo, não podemos negar caráter científico das Ciências Sociais sob a alegação de que não é neutra, de que encerram um comprometimento ideológico que não pode ser ignorado, posto que a visão de mundo tanto do observador quanto do objeto estão intrinsecamente interligadas. Mas há de se compreender que as Ciências Sociais possuem instrumentos e teorias capazes de estabelecer "uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma imperfeita e insatisfatória", conforme assegura Minayo (1994, p. 15).

O objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva. Existe uma identidade entre sujeito e objeto. Observador e objeto são de natureza idêntica. O investigador também faz parte da observação por ele mesmo realizada.

Na pesquisa qualitativa quem estabelece os parâmetros de rigor não é o método, mas o pesquisador e a comunidade que vai consumir e gerar a pesquisa.

Há que se repensar a concepção positivista, cuja tendência básica é a sustentação de que aquilo que não se conta não se escreve, pois, entender que a medida é uma coisa boa é diferente de afirmar que só é bom aquilo que se pode

medir. O próprio Descartes, embora positivista, dá-nos a liberdade de interpretar seus métodos, sem, contudo, empregá-los de uma maneira absoluta, quando afirma: "Se meus escritos valem alguma coisa, possam os que os tiverem (...) utilizá-los do melhor modo que entenderem" (Descartes, 1965, p. 42).

Nossa concepção de ciência tem suas origens na concepção clássica de ciência, que, em nome da objetividade e do caráter científico, difunde a idéia de que não pode haver afinidade entre pesquisador e pesquisado. Essa mentalidade preconiza o distanciamento. Hoje a pesquisa qualitativa oferece oportunidades de novas interpretações. O investigador e o investigado gozam de paridade no contexto da pesquisa. Todavia, não se rompe com os dados quantitativos, mas abrem-se caminhos para os sentimentos, as emoções e as interações. Os dados qualitativos e os dados quantitativos são coadjuvantes da mesma cena. Não se pode negar totalmente o quantitativo. Contudo, não se pode tratar do assunto apenas como um aspecto semântico, a questão não é somente de substituição de números por palavras.

Na pesquisa sociolinguística interacional, por exemplo, a descrição etnográfica, cujo objetivo central é documentar e analisar aspectos específicos do processo comunicativo (verbal e não-verbal) e contextualizar esse processo no grupo social em que ele ocorre, caracteriza-se por ser uma metodologia qualitativa por excelência, conforme afirma Bortone (1996a, p. 390):

O argumento central da pesquisa reside no fato de a identidade social e étnica ser em grande parte estabelecida e mantida pela linguagem. Isto se deve não só às características históricas e ideológicas através das quais os grupos são estruturados, como também pelos símbolos e identidades criados que modelam e direcionam as formas discursivas que estão sendo analisadas.

A focalização da análise etnográfica está na situação de uso, nos hábitos diários e sistematizados e na organização lógica e comportamental desse uso. Assim, a coleta de dados e sua análise se complementam mutuamente (Bortone, 1996b, p. 24).

Tanto a sociedade para a qual se pesquisa quanto a universidade, na qual se desenvolve a pesquisa, são formadas por seres humanos, que não são números estatísticos simplesmente, mas seres que se interagem e se modificam a despeito de um quociente frio. Ao contrário do que pensam os positivistas, cartesianos mais ortodoxos, a pesquisa qualitativa não acaba com a veracidade dos fatos, contudo, ao evidenciar as emoções, descortina novos rumos, apontando para o mais próximo possível da realidade. O lugar dos resultados da pesquisa não é mais o gráfico e a tabela, mas o próprio homem. Aquele que desencadeia, realiza e serve-se da pesquisa.

O ser humano não é um ser compartimentado e não pode estar enquadrado em simples dados com comprovação aritmética ou tabulado como um elemento neutro.

Silva enfatiza que a sociedade atual, em contínuo processo de transformação e dominada pela força globalizante, cuja necessidade está voltada para a atividade de pesquisa marcada pela práxis humana plena de significados e de interpretações teóricas, exige que se repense os caminhos da pesquisa, para que se estabeleça também a natureza e a função social da Educação Superior no Brasil. Para esse educador, é fundamental que o conhecimento teoricamente elaborado se interponha à prática empírica, pois "a pesquisa puramente empírica, que se volta e se esgota nos dados, não tem condições de se afirmar no universo científico" (Silva, 2000, p. 62).



Segundo Thiollent (1996, p. 31), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social, com base empírica, organizada de modo participativo, com a colaboração de pesquisadores e de membros do grupo, implicados em determinada situação ou prática social, de modo a identificar os problemas e buscar soluções. Destaca, ainda, que a pesquisa-ação (PA) é uma forma de pesquisa participante (PP), mas que nem todas as pesquisas participantes são pesquisa-ação, embora muitas vezes sejam tomadas como sinônimas. Para esse autor, na PP a preocupação participativa está mais concentrada no pólo pesquisador do que no pólo pesquisado e não desencadeia uma ação propriamente dita, uma vez que os grupos pesquisados não são mobilizados em torno de objetivos específicos, mas deixados às suas atividades comuns, e o fato de os pesquisadores participarem das situações observadas não caracteriza, por si só, uma PA.

Para Thiollent (1985, p. 83), a idéia é simples: esse tipo de pesquisa visa mobilizar pesquisa à ação apontando seus efeitos para pesquisador e pesquisado, pois além da participação dos investigadores, a PA supõe também uma participação dos interessados na própria pesquisa, que é organizada em torno de uma ação planejada e de uma intervenção com mudanças dentro da situação investigada. Assim, rompe com o behaviorismo e incita o pesquisador a sair do laboratório, a buscar outros campos.

Thiollent² enfatiza que, para a pesquisa-ação acontecer deve haver uma intenção de pesquisar e uma vontade de mudar, devendo ter um objetivo duplo: resolver problemas dos usuários e fazer progredir os conhecimentos fundamentais. Seus resultados devem estar voltados para os modos de resolução de problemas concretos, encontrados no decorrer da realização do projeto; os conhecimentos devem estar validados pela experimentação durante a pesquisa-ação e voltados para a formação de uma comunidade com capacidade de formular novos questionamentos para pesquisa e estudos.

Há de se salientar que a pesquisa qualitativa encontra respaldo na comunidade científica internacional e encontra apoio nos novos paradigmas de ciência, além de oferecer soluções mais adequadas aos usuários nas áreas técnicas, destacando-se o

fato de que, por meio da pesquisa, é possível rever o novo papel da universidade. Por outro lado, os críticos da pesquisa-ação salientam que falta rigor e precisão de método, que existe a possibilidade de se confundir ciência com cultura popular, de criar uma falsa expectativa e ainda que se corre o risco de veicular a ideologia do pesquisador.

É possível que esses temores venham a se concretizar, se não existir uma ética que conduza os rumos da pesquisa e norteie as ações do pesquisador. Entretanto, é mister observar que essas ressalvas também cabem em uma pesquisa de concepção positivista. Se falta ética a um pesquisador cartesiano, também esse pode adulterar ou manipular resultados ao sabor de sua ideologia.

O que ocorre de fato é que a pesquisa-ação incomoda a um grupo. Incomoda ao grupo que monopoliza o saber, que não tem interesse em dividir o conhecimento com os atores. Incomoda àqueles que só entendem como ciência o que é feito em um laboratório, isolando e quantificando dados.

Se pensarmos a educação como um processo que promove a mudança de mentalidade, compreenderemos a necessidade de participarmos como sujeitos dessa mudança, não como um número tabulado, mas como agente de transformação, pois "nada se faz entre os homens sem a consciência e o trabalho dos homens, e tudo o que tem o poder de alterar a qualidade da consciência e do trabalho, tem o poder de participar de sua práxis e de ser parte dela" (Brandão, 1986, p. 82).

Uma universidade que faz jus ao título não pode tão-somente adotar o ensino como função preponderante, mas deve chamar a si a responsabilidade de desenvolver e estimular a pesquisa não só junto ao seu corpo docente e de pesquisadores, mas, sobretudo, com seu corpo discente, abrindo espaços para a pesquisa qualitativa, pois é a partir da pesquisa participante que o ensino superior adota uma força pedagógica capaz de superar a mera transmissão de conhecimentos, fazendo com que o aluno seja protagonista de seu saber.

Há que se concluir com Brandão (1986, p. 78), concordando que:

A idéia de que a educação não serve apenas à sociedade, ou à pessoa na sociedade, mas à mudança social e à formação

² Palestra de abertura do 2º Fórum de Investigação Qualitativa (FIQ), em 8/6/2000, na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).

conseqüente de sujeitos e agentes na/da mudança social, pode não estar escrita de maneira direta nas "leis do ensino". Afinal, as leis quase sempre são escritas por quem pensa que nem elas nem o mundo vão mudar um dia.

Daí a grande importância de se estimular a pesquisa qualitativa na universidade. Daí a urgente necessidade de se implementar a ação de "aprender a aprender pesquisando",³ entre docentes e discentes.

Encerrar este texto citando outro antropólogo instiga-nos a pensar a educação como um caminhar do homem, sobre o qual este traça o seu futuro, tendo como bússola a pesquisa da qual é participante e sem a qual a universidade se perderia. E, assim, ousamos parodiar Brandão⁴ afirmando que: as pesquisas não mudam o mundo. As pesquisas mudam as pessoas. As pessoas mudam o mundo.

Referências bibliográficas

- BORTONE, Marcia Elizabeth. Comunicação interdialeto: um retrato de diversidades culturais. In: MAGALHÃES, I. (Org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: UnB, 1996a. p. 387-399.
- _____. Língua e identidade social. *Letras*, Campinas, v. 15, n. 1/2, p. 22-42, dez. 1996b.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. Tradução de João Cruz Costa. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1965.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.
- GUIMARÃES, Marisa Rocha. A universidade e suas funções. *Ícone*, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 75-84, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- SILVA, Jeferson Idelfonso. O espaço da pesquisa na comunicação e apropriação do conhecimento. *Ícone*, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 61-66, 2000.
- THIOLLENT, Michel Jean-Marie. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Recebido em 25 de abril de 2001.

Ormezinda Maria Ribeiro, doutoranda em Lingüística pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Araraquara), é professora do Instituto de Formação de Educadores da Universidade de Uberaba (Uniube).

³ Proposta de trabalho do Grupo de Apoio Pedagógico e Pesquisa (Gapp), do Instituto de Formação de Educadores da Universidade de Uberaba, para o Encontro de Professores de Metodologia Científica, durante a Semana de Seminários, nos dias 16, 17 e 18/5/2000.

⁴ "Os livros não mudam o mundo. Os livros mudam as pessoas. As pessoas mudam o mundo." (Carlos Rodrigues Brandão).

Abstract

In this text, a reflection on the importance of the research in and for the university is made, giving emphasis on the necessity of implementing, in the university centers, the qualitative research. Being attentive by the fact that this type of research is not always recognized as legitimate, it tries, as an approach on the functions of the university during its history, to alert for the pressing necessity of adopting the research, specially the qualitative one, as an axle of other academic activities, placing it in the position of university differentiator and upper colleges.

Keywords: qualitative research; university; education.

